

TRANSFORMAÇÕES URBANAS E IMIGRAÇÃO HAITIANA: IMPACTOS DO NOVO FLUXO DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL¹

Andréia Brito de Souza

Universidade Estadual de São Paulo - Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara
deiabrito@ymail.com

Claudimara Cassoli Bortolotto

Universidade Estadual de São Paulo - Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara
claudibortoloto@yahoo.com.br

¹ Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo.

Transformações urbanas e imigração haitiana: impactos do novo fluxo de imigração no Brasil

Resumo

Esse artigo trata da imigração de haitianos no Brasil com ênfase nos municípios de São Paulo e Cascavel no Estado do Paraná. Evidencia a trajetória de entrada desses estrangeiros no país, o papel de organizações não governamentais que acolhem e intermediam a regularização e reconhecimento do Estado. A globalização se destaca como principal elemento que move o deslocamento de pessoas. Ela é potencializada pela revolução tecnológica que viabiliza e estimula a imaginação, seja pela mídia e meios de comunicação ou por itens tecnológicos, que transmitem diretamente as imagens que também são atrativos da imigração, juntamente com alguns laços de identificação. Além disso, discute-se a imposição de demandas desses imigrantes via organizações coletivas, sendo essas estratégias de reconhecimento de direitos e de resistência às novas formas de vida e aos conflitos multiculturais. Tais organizações denunciam ao mesmo tempo os limites das democracias liberais, que tendem a responder suas demandas quando as tratam via igualdade jurídica, o que reduz as possibilidades de reconhecimento.

Introdução

O presente artigo apresenta uma discussão sobre o processo migratório contemporâneo com ênfase no recorte da diáspora haitiana para o Brasil e sua vinculação com a globalização. As migrações contemporâneas não se limitam ao deslocamento entre periferia e centro, ou rural e urbano, mas acompanham o processo de globalização, intensificam o rompimento de fronteiras, forjando assim a construção de novas identidades.

A globalização promove o deslocamento de pessoas, a reorganização do capitalismo em escala mundial com a transnacionalização da economia e empresas, e com elas a pluralidade cultural dada pelo deslocamento de pessoas entre países.

As ocupações do espaço da cidade são pensadas a partir das relações de trabalho e novas demandas impostas por esses trabalhadores ao Estado nação que por sua vez as responde pautado no pressuposto da igualdade social sendo essa uma das características das democracias liberais. O reconhecimento de direitos e a incorporação desses imigrantes no conjunto das políticas provocam mudanças no Estado que é forçado a responder sua diversidade.

Com intuito de pensar a imigração no contexto dos países periféricos, esse artigo tece algumas considerações sobre as imigrações de haitianos para o Brasil de forma a pensá-la como consequência da globalização. Para isso, considera as regiões de entrada no país, bem como algumas formas de redistribuição em território brasileiro.

Para tanto, buscou-se observar o deslocamento entre duas regiões específicas, sendo elas a cidade de São Paulo e a de Cascavel localizada no Oeste do Paraná. O recorte de ambas regiões

foi delimitado em virtude da expressiva leva de imigrantes que se deslocam para esses territórios. Destaca-se também o papel das organizações institucionais que na Europa muitas vezes substituem o papel do Estado nas políticas de reconhecimento e no Brasil são agentes impulsionadores das políticas de reconhecimento quando recebem e levam demandas para o Estado como as regularizações de documentos e infraestrutura de acolhimento. As imigrações provocam a transformação do espaço urbano ao mesmo tempo em que impõem pela organização coletiva, o reconhecimento de direitos.

As democracias liberais são limitadas quando tratam ou reconhecem os direitos, às diferenças culturais, ou ao multiculturalismo a partir da igualdade jurídica.

Além dos limites das democracias liberais no reconhecimento de direitos, as análises consideram a discussão sobre a formação do espaço urbano no contexto da migração, e delinea o complexo cultural ou hibridismo proporcionados por ela.

O hibridismo cultural impõem a discussão sobre os desdobramento da imigração como a ênfase nas fronteiras e identidades, bem como o reconhecimento de direitos desses migrantes quando passam a perceber na sua organização um potencial para impô-las perante o Estado Nação.

O contexto das imigrações haitianas para o Brasil

O processo migratório dos haitianos para o Brasil perfaz o tema desse artigo, o estudo foi feito a partir da análise de fontes primárias e secundárias. O conjunto de fontes secundárias, representadas não só no referencial teórico, mas também por reportagens de jornais, delimitaram o período da pesquisa que inicia-se no ano de 2010. Ao investigar nessas fontes a presença do debate sobre imigração de haitianos no Brasil, nota-se que elas se reportam a sua intensidade a partir de 2010, dado, sobretudo ao terremoto provocado no Haiti nesse período.

Tal discussão é percebida na veiculação de notícias em vários jornais impressos e *on-line* em diversas regiões do país que demonstram o debate sobre a presença do haitiano como o novo grupo de imigrante no país (CAMARGO, 2012; LUDWIG, 2013; PRAZERES, 2012; PUFF, 2012; ROSSI, 2012; WALTER, 2012; SILVA, 2013).

Conforme Marianna Camargo (2013), a rota migratória dos haitianos compreende dois destinos fronteiriços, um deles é pela cidade de Basiléia no Acre, localizada entre a fronteira Brasil e Bolívia, cuja trajetória incorpora República Dominicana, Equador, Panamá, Peru e Brasil. De acordo com Camargo e os dados que traz sobre a imigração dos haitianos para o Brasil, esses migrantes vivenciam uma verdadeira saga até alcançarem o território brasileiro. A tensão e o

mercado negro da migração são relatados em depoimentos divulgados por vários jornais que tratam da questão.

A vinda dos trabalhadores haitianos para o Brasil primeiramente foi motivada pelo agravamento das condições econômicas e sociais do Haiti após o terremoto de janeiro de 2010, que deixou mais de 300 mil mortos e milhares de feridos. Esse acontecimento intensificou a necessidade dos haitianos venderem sua mão de obra em outro país, o que convergiu com a demanda brasileira por mão de obra para trabalhar, principalmente, no setor de serviços e na construção civil. Outro motivo para a imigração haitiana está ligado a razões geopolíticas, ou, como define a socióloga Saskia Sassen (2010, p.117), tem a ver com “laços político-econômicos anteriores” entre os dois países, formados pela liderança da tropa militar brasileira na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Essas tropas estão desde 2004 no país e tem a função de deter os crescentes índices de violência causados por questões políticas e econômicas.

As relações geopolíticas entre os dois países foram fundamentais para a publicação da Resolução Normativa nº 97, a qual é considerada um acordo político entre o governo brasileiro e o governo haitiano para tentar conter a imigração irregular, a ação de coiotos e o trabalho precário abusivo. Após a publicação da Resolução Normativa nº 97, o fluxo de haitianos no Brasil teve considerável aumento (COSTA, 2012; CAFFEU; CUTTI, 2012; THOMAZ, 2013). Segundo dados do Ministério da Justiça (2015), a quantidade de vistos concedidos para haitianos em 2010 foram 459, em 2012 foram 4.658 e em 2015 (até março) somaram 5 mil novos vistos (BARROS; MARCHINI, 2015). Em suma, desde 2010 até meados de 2015 foram concedidos aproximadamente 52 mil vistos a haitianos, número esse que não expressam a real quantidade de haitianos no Brasil, pois existe uma grande parte de imigrantes em situação irregular conforme as leis brasileiras.

Ao entrarem no Brasil, os haitianos contam com a ajuda da igreja católica que desempenha o trabalho de recepção, que vem se tornando cada vez mais dificultado frente a grande quantidade de pessoas que migram para o país. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a maior parte deles passam pela Missão Paz, que os auxiliam, entre outras coisas, no acolhimento, adaptação, na aquisição de documentos e na busca por trabalho formal.

A Resolução Normativa acima nº 97 alterou a legislação em vigor para os haitianos, prorrogando o prazo de permanência no país, o que se deu por razões humanitárias, as quais são definidas como:

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população

haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010 (BRASIL, 2012, p. 1).

A principal alteração dessa resolução normativa é a concessão do visto permanente aos haitianos por um período de cinco anos, diferindo-se da atual legislação, que restringe o visto provisório por um período de, no máximo, um ano.

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro (BRASIL, 2012, p. 1).

Embora a permanência tenha sido ampliada para os haitianos, ela está condicionada à inclusão desses imigrantes no processo produtivo do país, conforme estabelece o artigo 3 da referida normativa.

Art. 3º Antes do término do prazo previsto no caput do art. 1º desta Resolução Normativa, o nacional do Haiti deverá comprovar sua situação laboral para fins da convalidação da permanência no Brasil e expedição de nova Cédula de Identidade de Estrangeiro, conforme legislação em vigor (BRASIL, 2012, p. 1).

Quando regularizada a situação legal desses no país, sua mão de obra tem despertado interesse frente ao empresariado brasileiro, o que tem causado a distribuição deles para várias regiões do país, com predominância para São Paulo, Paraná e Santa Catarina (BARROS; MARCHINI, 2015).

No Oeste do Paraná, por exemplo, a maior atratividade de mão de obra é para as agroindústrias, bem como para os frigoríficos, o que gera uma crescente incorporação da mão de obra haitiana, como afirmam Geórgia S. Santos Cêa e Neide Tieme Morofusi (2010), ao caracterizar o Paraná como o maior produtor e abatedor de carnes como suínos, aves e bovinos, distribuídos em 12 municípios dos 50 existentes.

O oeste do Paraná tem expressiva participação na colocação do estado na economia nacional. Dos 50 municípios da região oeste do Paraná, tomada aqui como referência geográfica, em 12 deles há cooperativas, frigoríficos e abatedouros de suínos, bovinos e aves, totalizando 35 empresas. Entre estas, o destaque é para a indústria processadora de carne de aves, com 8 unidades de processamento que representaram, em 2003, 34,3% do faturamento em todo o Paraná, sendo a região com maior participação nos resultados econômicos do setor (IPARDES, 2005, p.134; CEA; MORFUSI, 2010, p. 4).

Dentre as cidades com potencial presença do setor econômico agroindustrial, destaca-se Cascavel situada na região Oeste do Estado do Paraná, cujos dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE, indicam a presença de 682 estrangeiros vivendo nesse município. Esses dados

podem ser considerados ultrapassados, pois conforme levantamento da Polícia Federal indica a presença de 3000 haitianos vivendo no município.

A PF (Polícia Federal) estima que na região de circunscrição da delegacia de Cascavel existam aproximadamente três mil haitianos, pouco mais de mil deles com documentação de identificação estrangeira. Apesar da crise financeira que fechou muitos postos de trabalho, 2015 foi um ano que trouxe muitos estrangeiros para o país. Segundo a PF, o número de haitianos em Cascavel é o dobro da segunda maior comunidade estrangeira na cidade, a paraguaia, que possui cerca de 400 pessoas (CORAZZA, 2016, p. 1).

Além desse contingente presente nas estatísticas com documentação regularizada, há aquele invisível que são os imigrantes que vem clandestinamente através de um comércio ilegal que estimula a imigração, facilitada pelos coiotes, que são os atravessadores de pessoas de um país para outro, cujo pagamento chega a mil dólares por pessoa.

Embora essa caracterização se fez apoiada em fontes secundárias, sua análise se fará por meio do diálogo com a compreensão teórica pós-colonial, que faz alusão as novas formas de migração impulsionadas sobre tudo pelo processo da globalização.

Mudanças urbanas e políticas de acolhimento

A chegada massiva de haitianos às cidades brasileiras tem provocado mudanças tanto na estrutura, quanto no comércio, na educação e no cotidiano da população. Para melhor acolher essa nova população, as prefeituras em parceria com ONG's têm desenvolvido em várias cidades, programas emergenciais para o acolhimento e a adaptação deles à sociedade brasileira, testemunhando o surgimento de “pequenos bairros haitianos” marcados pela cultura e idioma do Haiti.

A começar pela cidade considerada a “porta de entrada” dos haitianos no Brasil, Brasiléia, uma pequena cidade localizada no Acre que conta com aproximadamente 23 mil moradores. Brasileia teve toda a sua rotina alterada por fazer fronteira com a Bolívia, por onde entraram, conforme dados da Agência Brasileira de Inteligência, a Abin (2015), pelo menos 38 mil haitianos indocumentados desde 2010 (DIÓGENES; MONTEIRO, 2015).

O município de Brasiléia, para acolher os haitianos, disponibilizou um abrigo com capacidade de 200 pessoas, no entanto esse abrigo chegou a ser ocupado por 800 haitianos. A sociedade civil, as ONG's e órgãos religiosos, como as Missionárias Scalabrianas, reuniram-se para ajudar com a recepção dos haitianos, a fim de tentar dar a eles um lugar com mínimas condições de dignidade.

A entrada de haitianos em Brasília provocou uma extrema transformação no modo de vida da população, que precisou acostumar-se a conviver diariamente com estrangeiros e empregadores para contratar a mão de obra destes. Embora esse abrigo tenha sido fechado em 2014 e a rotina da cidade tenha voltado ao normal, ainda é constante a chegada de haitianos nessa cidade, sendo que na primeira metade de 2015, entraram pelo Acre cerca de 7 mil haitianos (JORNAL NACIONAL, 2015) que seguiram, principalmente, para a cidade de São Paulo.

Essa cidade é um dos destinos principais dos haitianos que chegam ao Brasil, nela há um trabalho social oferecido aos imigrantes pela Missão Paz de São Paulo, associação ligada à igreja católica que acolhe imigrantes e migrantes recém-chegados, dando-lhes alimentação, moradia por até 90 dias ou até eles se estabelecerem melhor, cursos de língua portuguesa e profissionalizantes feitos com parcerias público/privado e voluntariado; além disso, ajuda a viabilizar a obtenção de documentos e intermedia as contratações de trabalho. Grande parte dos haitianos regulares ou que chegam à São Paulo são acolhidos pela Missão Paz, por onde passam cerca de 20% dos que entram no Brasil (FANTASTICO, 2015).

O fato de haver uma grande massa de haitianos em São Paulo gerou mudanças no dia a dia da cidade que podem ser observadas facilmente, principalmente, nos arredores do bairro da Liberdade, onde está localizada a Missão Paz. É comum encontrar igrejas evangélicas de haitianos, lojas e restaurantes com comida típica do Haiti.

São visíveis as mudanças provocadas pela imigração na estrutura da sociedade de São Paulo, uma delas é a criação, em 2014, do Centro e Acolhida para Imigrantes (CRAI) pelo governo municipal. Esse espaço consegue abrigar 110 pessoas no período noturno e 80 durante o dia. Além do abrigo, assim como a Missão Paz, oferece serviços de orientação jurídica, apoio psicológico, qualificação profissional e aulas de português para estrangeiros e são os haitianos os principais beneficiados com essas políticas, por ser atualmente maioria em relação a imigrantes de outros países (CAMINHOS DO REFÚGIO, 2014).

O município de São Paulo em parceria com a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalibrianas, que é referência em assuntos que diz respeito ao acolhimento de imigrantes e refugiados, inaugurou recentemente outro centro de referência para imigrantes no Bairro do Pari e está prestes a abrir outro no bairro do Brás, ambos nos mesmos moldes que o CRAI.

A construção de abrigos, a inserção no comércio, a abertura de igrejas contribui para o enraizamento dos haitianos nas cidades brasileiras e para a formação de novos bairros haitianos, como é comum encontrar na cidade de São Paulo, bem como em outras regiões do Brasil como o Município de Cascavel, a presença de trabalhadores haitianos.

O Município de Cascavel, situado no Paraná, conta com aproximadamente 3000 haitianos vivendo na cidade, sendo outra cidade fortemente marcada e transformada pela presença desses imigrantes (CORAZZA, 2016). Dentre o conjunto de teorias que explicam o deslocamento de pessoas, destaca-se a teoria pós colonial, que compreende a imigração como um dos resultados da globalização.

Um dos principais representantes dessa teoria, o antropólogo Indiano Arjun Appadurai (2004) ressalta que na modernidade a imaginação e o imaginário podem ser motivadores da imigração, pois as pessoas imaginam morar ou trabalhar em lugares distintos daqueles que nasceram, cujas imagens podem projetar novas maneiras de viver.

A globalização estreitou a distância entre elites, deslocou relações essenciais entre produtores e consumidores, quebrou muitos laços entre o trabalho e a vida familiar, obscureceu as linhagens entre locais temporários e vínculos nacionais imaginários (APPADURAI, 2004, p. 22).

Para Appadurai (2004) as diferentes diásporas, sejam as migrações de pessoas de um país para outro, ou dos refugiados que são obrigados a se deslocarem carregando consigo sua imaginação, contribuí para transformar vidas cotidianas em novos projetos sociais.

E depois há os que se deslocam em busca de trabalho, riqueza e oportunidades, muitas vezes porque as circunstâncias em que encontram são intoleráveis. Transformando e alargando ligeiramente de termos importantes de Albert Hirschman, lealdade e saída, podemos falar de diásporas de esperança, diásporas de terror e diásporas de desespero (APPADURAI, 2004 p. 17).

Nesse contexto, Leandro Prazeres (2012, p. 1) revela relatos de haitiano que infere “Quanto mais rápido a gente começar a trabalhar, mais rápido vamos mandar dinheiro para os nossos filhos e trazê-los pra cá”, explicou haitiana Lysnie.

Os anseios em trazer a família para o Brasil são relatados em muitas matérias de jornais, quais não se restringem a região Oeste, mas é um desejo comum entre os imigrantes. Suas narrativas incorporam e reforçam o processo migratório, cujas barreiras são transponíveis, aparecendo em seus depoimentos quando relatam sobre a vida e a possibilidade de trazer seus familiares para o Brasil.

Saskia Sassen (2014), ao estudar as migrações europeias entre os séculos XVIII e XIX, nos mostra até que ponto as migrações laborais internacionais e inter-regionais tem sido um componente muito distinto e estratégico que tem movido a história da urbanização e industrialização na Europa. Para ela há uma relação entre as migrações de pessoas para a Europa e o desenvolvimento da estrutura urbana desse continente. Geralmente, os países que passam por rápido crescimento econômico são também os que atraem a preferência dos imigrantes. Isso

pode ser observado no Brasil, cuja economia teve melhor crescimento em relação aos demais países da América Latina e, conseqüentemente, passou a receber mais imigrantes de várias localidades, principalmente do Haiti.

Sassen (2014) analisou o papel da migração para a economia política e sociedade abordou a relação entre o Estado moderno e a formação dos movimentos e fluxos massivos de refugiados. Segundo ela, as migrações nascem e tem uma duração. Desta forma, não há como pensar migração e os fluxos de refugiados sem se remeter a muitos temas relacionados como a urbanização, a demografia, a industrialização, a guerra e a política, pois ela constitui o desenvolvimento da estrutura urbana.

Para Sassen (2014), ainda que o Estado careça de meios técnicos para controlar suas fronteiras, a imigração é um processo seletivo, em todo o mundo pessoas de áreas pobres deslocam-se para outras mais ricas.

Além dos fatores econômicos para justificar as escolhas dos países de destino, Sassen (2010) destaca também os laços de identificação, quais são comuns, como a língua, a história e a colonização, enfatiza-se nesse artigo, os laços militares como os estabelecidos entre Brasil e o Haiti através da Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti (MINUSTAH), presente no país desde 2004 que procura auxiliar o Estado haitiano a reestabelecer a segurança e a normalidade institucional.

Para Sassen (2014) a história demonstra que em conjunturas críticas o reconhecimento de direitos e demandas dos imigrantes acaba ampliando os direitos formais dos cidadãos, com destaque a importância do papel que desempenha o forasteiro no processo de aquisição de direito. O passado também revela algo sobre as condições atuais dos fluxos migratórios, a obsessão pelo controle dos fluxos migratórios das fronteiras não pode ser muito útil, os direitos dos imigrantes e a valorização da cidadania são colocados em questão. Países tão diversos como a Espanha e países baixos, dado ao modo de governo e atores econômicos tem tratado os cidadãos em nome das políticas de austeridade, as quais atingem não só os imigrantes mas o próprios cidadãos desses países (SASSEN, 2014).

Nesse sentido, a autora reflete sobre a alteração da articulação entre cidadania e estado nacional, os imigrantes buscam ampliar seu pertencimento político, se não encontram as possibilidades para isso nos estados nacionais, as impulsionam para as instituições, que se fortalecem como mecanismos de reconhecimento dos direitos de estrangeiros. A globalização, segundo Sassen (2013), proporciona a perda da autonomia dos estados nacionais não só porque ele abre suas fronteiras para o mercado, mas também, porque as instituições passam a

desempenhar o seu papel de promotor das políticas de reconhecimento, há uma desvalorização da cidadania quando o Estado trata os imigrantes como seres humanos ilegais.

O surgimento de múltiplos atores, grupos ou comunidades na União Europeia que cada vez mais desejam ampliar o pertencimento político dos estrangeiros não é uma forma de rechaçar o Estado Nacional, mas revelam um distanciamento entre cidadania e Estado. Os imigrantes buscam na cidadania o seu reconhecimento, cresce dessa forma a sociedade civil transnacional, a re-nacionalização do processo de integração que conserva uma trágica vertente dada a perda de direitos do cidadão a nível nacional (SASSEN, 2014).

A importância das instituições e as políticas de reconhecimento são destaques na Europa, contudo, embora no Brasil não haja, por parte das instituições, uma ampla ação no que concerne ao reconhecimento de direitos no âmbito jurídico como ocorre na Europa, elas tem ganhado destaque no que se refere ao acolhimento dos imigrantes e o atendimento de suas necessidades básicas que é um abrigo ou lugar para ficar quando estão em território brasileiro.

Conforme já mencionado, isso fica evidente em amplo território brasileiro, em que ONGs e associações civis, como é o caso da Missão Paz e a organização das Missionárias Scalabrianas em Basiléia, que, vinculadas a igreja católica, desempenham papel fundamental no acolhimento de milhares de estrangeiros, que migram e vê nessas instituições a única possibilidade de acolhimento para se instalarem com mínimas condições no Brasil.

Assim como em São Paulo essas instituições espalham-se pelo Brasil como em Cascavel no Estado do Paraná onde entidades religiosas se destacam no trabalho e acolhida, bem como de organização dos haitianos em associação, para que de forma coletiva lhes possa dar possibilidades para impor suas demandas ao Estado.

Isso fica evidente no depoimento de um líder religioso, vinculado a igreja Anglicana e seu papel protagonista no auxílio para a criação da associação de haitianos.

A igreja não pode se furtar de uma de suas principais funções que é compromisso com os direitos humanos. Temos essa preocupação da proteção e do acolhimento dessas pessoas que vem de outros países que vem à Cascavel em busca de um recomeço”, ressalta o religioso (LAÍNY, 2014, p. 1).

As instituições ganham força quando se refere a organização, recepção e acolhimento dos estrangeiros, embora apresentem debilitações quanto a estrutura, frente a grande quantidade de imigrantes haitianos que aumentam a cada dia, demandado maior potencial e infra-estrutura para atendê-los.

Sassen (2013), delineou as mudanças no Estado a partir do neoliberalismo e a redução dos direitos sociais dos cidadãos em nome de um estado competitivo. Atualmente o estado tem

deixado para trás legislações de trabalho e judiciais que davam ou ampliavam a inclusão formal. Contraditoriamente isso tem gerado um crescente desapego entre os cidadãos para com seus estados nacionais, quais tendem a dirigir suas demandas para as instituições como o tribunal Europeu de Direitos Humanos, com ampliação da tensão entre *status* formal e projeto normativo de cidadania com reivindicações da cidadania real e não formal.

Contudo, a imigração ocorre, segundo Sassen (2013), impulsionada por vários fatores e não deve ser entendida em sua real dimensão se for concebida como simples situação de indivíduos que deslocam-se buscando condições de vida melhor diferentes daquelas de seu país de origem.

Nessa perspectiva, Arjun Appadurai (2004) menciona representações e sua influência no processo migratório. Depois de Émile Durkheim, as representações coletivas passaram a ser interpretadas por antropólogos como fatos sociais, carregados de força moral e social e como realidades sociais objetivas.

A imaginação, devido às revoluções tecnológicas do século XIX, tornou-se um fato social coletivo, o mundo pós-eletrônico tendo atualmente um papel pós-significativo. Primeiramente a imaginação saiu do espaço exclusivo das artes, mitos e ritual para fazer parte da atividade mental de pessoas comuns em seu cotidiano, conforme expressa Appadurai (2004, p.18), “para os migrantes, tanto as fórmulas de adaptação à novos ambientes como o estímulo para sair ou voltar são profundamente afetados por um imaginário midiático que frequentemente transcende o espaço nacional”.

Outra perspectiva da teoria pós-colonialista é a trazida por Homi Bhabha (1994) que ao tratar sobre a imigração, ressaltou que, ao invés de buscar reposicionar o colonizado na história, deve haver uma contração de esforço privilegiando na análise da relação entre discurso e poder. Bhabha buscou identificar as divisões existentes não pela polaridade do discurso, mas percebeu como as fronteiras estabelecem as divisões que definem as identidades coletivas.

Se contrapondo às construções identitárias homogeneizadoras, que buscam aprisionar e localizar a cultura, Bhabha, infere sobre as diferenças e como elas aparecem nas lacunas deixadas pelas fronteiras culturais. A diferença pensada nas suas formas de manifestações, não é uma identidade acumulada, mas um fluxo de representações que são plurais, estão articuladas no devir da nação, da classe operária, nos negros, imigrantes, enfim, na diversidade

A globalização para os pós-colonialistas remete a imaginação, a representação e construção de identidade, por outro lado Sassen (2007) demonstra seu potencial para a formação das cidades como um dos espaços essenciais para o seu desenvolvimento. Pensá-la nessa perspectiva implica consequências conceituais que perpassa a dualidade global/nacional, em que

o primeiro ganha dinheiro e vantagens em detrimento do segundo. A cidade articula componentes vinculados a economia global ao passo que possui outros que lhes são próprios e específicos e desarticulado a ela além de *“también señala la decreciente importancia de la economía nacional como una categoría unitária”* (SASSEN, 2007, p. 15). A autora enfatiza a importância de recuperar o lugar da cidade no contexto da economia global e ressalta que é possível observar através dela a multiplicidade de economias, culturas, trabalho, além de observar a existência do multiculturalismo nas grandes cidades, como um dos efeitos da globalização, que são parte dela, assim como as finanças internacionais.

O enfoque sobre as cidades permitem delinear uma geografia estratégica dos lugares em escala global que estão ligados entre si pela globalização, deste modo Sassen (2007) recupera a cultura e o trabalho como elementos fundamentais da globalização, quais manifestam-se no desenvolvimento da cidade global, cuja manifestação é apreendida nas possibilidades de novas políticas de atores em situação de desvantagem social que passam a operar em uma nova geografia econômica.

A cidade tem emergido como um novo espaço para a formação de novas demandas e construção dos direitos, em especial o direito a um lugar, basicamente enseja a construção da cidadania. A globalização amplia a internacionalização das pessoas, *“[...] los cuales poseen en las grandes ciudades una presencia tan internacionalizada como la del capital”* (SASSEN, 2007, p. 16). Por parte do capital a cidade é usada como uma mercadoria organizativa, e por parte dos setores urbanos em desvantagem, ela tem possibilitado a internacionalização da população urbana. Esses sujeitos urbanos provocam a desnacionalização desse espaço, suas demandas por cidadania intensificam conflitos e questionamentos sobre quem são seus verdadeiros donos. A autora enfatiza a dualidade da fronteira que, através da globalização, permite a transnacionalização da população e a presença multicultural nas cidades, dada a capacidade unificadora das fronteiras nacionais, ao passo que promove simultaneamente a intensificação dos conflitos no seu interior.

A liberalização do capital e a imigração são as principais categorias do fenômeno da globalização, pois unificam propriedades através das fronteiras, sendo fortalecidas no interior das cidades globais. O espaço da cidade é fundamental para a sobrevalorização do capital corporativo, e para conseqüente desvalorização dos atores econômicos em desvantagem, como as empresas e trabalhadores.

O deslocamento para outras cidades permite aos imigrantes afirmar a ocupação sobre o território urbano, ao passo que se colocam como sujeitos históricos, ainda quando não, ganham o poder de maneira direta, impõem e marcam de forma significativa sua presença nesse espaço, exigindo dos governantes a ampliação de políticas públicas de acolhimento.

A aglomeração de pessoas, intensificada seja pela dispersão territorial, facilitada pelo avanço das telecomunicações, conforme Sassen (2007), impõem novos padrões de aglomeração e são representados sobretudo pela capacidade das tecnologias da informação.

Embora nas cidades haja hegemonia da cultura dominante, nelas também se manifestam uma multiplicidade de outras culturas e identidades. Assim, a cultura dominante incorpora apenas uma parte da cidade, as imigrações tem feito proliferar diversas culturas, quais passam a marcar esse espaço. O cosmopolitismo imposto pelas elites nacionais não suprime o cosmopolitismo dos imigrantes. Esses migram de diversas partes do mundo, com culturas erradicadas de cada país, de um povo, de uma vila, se encontram agora territorializados em poucos lugares, como nas grandes cidades.

Massimo Cacciari (2010) ressalta que a dificuldade de proporcionar lugares para habitação é uma das grandes características da cidade moderna atual. Essa cidade exclui os lugares, quais continuam sendo demandados pelos seres humanos. Questiona porque precisamos de lugares, e busca resposta na *Phýsis*, que se refere a nossa dimensão mais primitiva. *Phýsis* significa natureza, a vida na cidade é desterritorializante, com superação do vínculo espacial e temporal, e se coloca contra a própria natureza humana que busca os lugares para a reprodução da vida.

Além disso, Cacciari (2010) aponta a cidade como espaço de integração entre as diferentes culturas, e ressalta que a identidade cultural de um povo nunca será imóvel. Também toma a Europa como exemplo para pensar as transformações a partir do fenômeno da imigração, pois ela é um espaço de pessoas mais velhas e necessita de um aporte de população jovem e ativa. Os imigrantes além de proporcionar o rejuvenescimento da população trazem consigo conhecimento e podem contribuir para o desenvolvimento econômico dos países, ou cidades para quais migram.

Assim como há nesses espaços as imposições de novas demandas como as das empresas estrangeiras que clamam para a desregulamentação da economia, a cidade também produz novos usuários, que surgem das imigrações que marcam e moldam a paisagem urbana. Eles constituem a metrópole de segunda geração, termo que Sassen (2007) empresta de Martionotti, a cidade do modernismo tardio.

É pertinente abordar as organizações coletivas de migrantes haitianos no Oeste do Paraná, quais são fundamentais e constituem-se como novos movimentos que impulsionam as democracias liberais para o reconhecimento de políticas que venham privilegiar as diferenças:

Uma assembleia realizada no último domingo reuniu cerca de 80 haitianos em Cascavel, no Oeste do Paraná. O objetivo foi discutir a criação de uma associação para tratar dos interesses dos 1,5 mil haitianos que vivem na cidade. Marcelin Geffrard, um dos líderes dos refugiados, diz que a maior barreira enfrentada é o idioma. Ele conta que muitos

haitianos têm formação profissional, mas não podem aplicar seus conhecimentos pela dificuldade com a língua. Sem colocação em suas áreas de atuação, acabam aceitando trabalhos braçais, como em frigoríficos. O preconceito é outro drama vivenciado pelos refugiados, que encontram dificuldades até para alugar imóveis (CAMPOS, 2014, p. 1).

Para Nancy Frazer e Axel Honneth (2003), o que se coloca não são as demandas opostas entre o reconhecimento e a redistribuição, porém a justiça exige os dois, já que separadamente nenhum deles será suficiente. Essa é a forma de como se compreende ou dá a justiça uma análise bidimensional, pois ela pode integrar tanto as reivindicações de igualdade social, como as de reconhecimento das diferenças.

Nessa mesma perspectiva, Alberto Melucci (1996) ressalta a importância dos movimentos das complexas sociedades, eles são como profetas que fazem previsões e indicam para onde a sociedade está caminhando, ou como um sinal indicam a profunda transformação da lógica e do processo que guia as sociedades complexas. A inércia de velhas categorias pode nos impedir de ouvir as mensagens que ecoam nos movimentos sociais. Deve-se haver, conforme Melucci, a capacidade de ouvir essas vozes, pois novas formas de poder se aglutinam, através de múltiplas e difusas maneiras. Os movimentos contemporâneos são profetas do presente, o que eles possuem não está na força do *aparatus*, mas no poder das palavras, pois anunciam o começo das mudanças, mas elas, não, estão em um futuro distante. Os movimentos sociais reforçam as relações de poder dando a elas forma e face, ouvir as vozes e ler seus signos, é uma necessidade premente para compreender as ações coletivas e o que elas estão proclamando pois elas provocam as mudanças nas estruturas da sociedade.

Ao discutir sobre os movimentos sociais contemporâneos, a visão de Chantal Mouffe (1996), coloca em cheque o Estado e corta o nexo entre ele e a democracia, visa pensar na sua constituição não reduzida as formas institucionais de governo.

A proliferação das demandas e a diferença colocam-se como mote da mudança prática, a democracia e os regimes democráticos, as sociedades que visam se organizar, e reforça-la do ponto de vista democrático tem o sentido de buscar o caminho da sua construção e reconstrução (MOUFFE, 1996).

Para Frazer, o debate sobre o significado de ações coletivas, sempre incorporam relações de poder e abre a possibilidades para a defesa ou contestação dessas formas de dominação (HONNETH; FRAZER, 2003).

Elas são fomentadas pelas ideologias que se contrastam, e conforme Frazer, é a própria realidade social que nos presenteia com uma variedade de fenômenos coletivos, ações conflituosas e episódios de revolta social, que foge a interpretações guiadas pela tradicional categoria política, assim chamam novas ferramentas de análises.

Ao discutir sobre as novas demandas dos imigrantes, Sassen (2014) ressalta que esses grupos ou comunidades cada vez mais desejam ampliar seu pertencimento político, e buscam na cidadania o seu reconhecimento. Cresce dessa forma a sociedade civil transnacional, fortalecida pelo afastamento do estado na resolução desses conflitos e no fortalecimento institucional exterior a ele, como mecanismo de intensificação e reconhecimento de direitos.

Isso agrava-se com o neoliberalismo dadas as mudanças estatais, baseadas na redução de direitos dos cidadãos em nome de um estado competitivo. Atualmente o estado tem deixado para trás legislações de trabalho e judiciais que davam ou ampliavam a inclusão formal. Contraditoriamente isso tem gerado um crescente desapego entre os cidadãos para com seus estados nacionais, que tendem a dirigir suas demandas para as instituições, com reivindicações da cidadania real e não formal (SASSEN, 2014).

As discussões sobre as democracias liberais e as suas reações frente às diferenças dadas pela sociedade ou pelo multiculturalismo, requer do Estado novas formas e estruturas de políticas que não se reduzam ao equacionamento dessas diferenças a partir da premissa da igualdade perante a lei, como nos indicaram alguns dos representantes da teoria pós-colonialista. Se as diferenças requerem políticas que as reconheçam, os movimentos e organizações coletivas surgem de forma a reafirmar suas diferenças perante o estado. Assim podemos caracterizar as organizações de haitianos em associações, seja em São Paulo, Cascavel ou em demais regiões do Brasil, coletivamente eles criam espaços de reprodução de identidade cultural e espaços de resistência.

Há, portanto, a emergência de novos sujeitos políticos com identidades coletivas que se constroem fora e escapam das organizações partidárias e de classes. Os movimentos contemporâneos, além da luta de classes, incorporam outras demandas que perpassam a ela, como a igualdade de gênero, de raça, as demandas dos homossexuais, dentre outras. O Estado terá que acionar outros dispositivos para equacionar esse reconhecimento de diferenças, de forma a inserir no estado de direito as políticas de equidade, sem limitar-se ou reduzir-se ao que atualmente lhe estrutura, como suas ações ou seu reconhecimento se limitar a concepção de igualdade jurídica formal. Quando esse estado está em cheque, e quando essas condições de cidadania formal, não são suficientes, emerge novamente a questão da democracia.

Considerações Finais

As discussões que remetem as migrações contemporâneas ganham novos elementos quando são tratadas a partir das contribuições da teoria pós-colonialistas e pensadores que veem

na globalização um fenômeno que as impulsionam. Essa teoria sistematizada principalmente a partir dos anos 1970 e 1980, dá a globalização e suas implicações no mundo contemporâneo grande importância.

Os teóricos que representam essa corrente de pensamento não descartam as contribuições da cultura clássica, mas embasados nela, debatem novos conceitos que não se restringem a cultura, como identidade, hibridismo, multiculturalismo, políticas de reconhecimento dentre outras.

O aspecto global concebe a cidade como espaço privilegiado não só para a reprodução do capital transnacional, com a criação de mecanismos legais para a ação das empresas transnacionais, mas também da diversidade culturais e das demandas de trabalhadores através da transnacionalização da mão de obra, que ensejam novas operações políticas que se firmam a partir das imigrações.

As sociedades contemporâneas estão imbuídas na revolução tecnológica, o acesso e a difusão da informação dado a partir dos meios de comunicação de massa estimulam a fusão de imagens que os sujeitos projetam em seu cérebro. Essas pessoas criam imagens de novas maneiras de viver, e fazem delas uma prática cultural, que se transforma cotidianamente.

A teoria pós colonialista, visa portanto ouvir as vozes dos colonizados, ou subalternos, entendendo a dominação que os submete, e as formas de resistência desenvolvidas por eles frente a elas. O processo de imigração enseja o hibridismo, que é a mistura entre diferentes culturas e identidades, concebendo a identidade não como algo acabado, mas que se forma a partir da interação com o outro, sendo por isso dialógica.

Há dessa forma, o surgimento de novos sujeitos políticos com identidades coletivas que se constroem para além de organizações partidárias e de classes. Resultantes do multiculturalismo, que é essa pluralidade cultural, que incorpora, além da luta de classes, outras demandas que perpassam a ela, como a igualdade de gênero, de raça, as demandas dos homossexuais, dentre outras.

Nesse contexto, esse artigo fez alusão a imigração de haitianos para o Brasil, pensada e dialogada à luz das mudanças provocadas pela sociedade global. Diante de uma cultura nacional e hegemônica, esses imigrantes estão expostos à formas depreciativas e ao não reconhecimento de sua identidade. Tais formas de comportamento põem em cheque as democracias liberais e a própria modernidade. Os pensadores ao fazer alusão sobre as democracias liberais e o tratamento ou reconhecimento delas em relação às diferenças culturais, ou ao multiculturalismo, denunciaram a limitação dessas democracias ao reconhecimento das diferenças, quando as tratam a partir da igualdade jurídica.

Há, portanto duas questões que se colocam, a necessidade das democracias liberais avançarem quanto ao reconhecimento dos direitos e das identidades culturais, bem como a necessidade das sociedades modernas, avançar em relação ao respeito, a tolerância e ao reconhecimento do outro, ou das minorias.

Atualmente, novos movimentos sociais fazem parte da cena política, se antes eles se limitavam as organizações de classes ou partidárias, hoje eles impõem ao Estado novas demandas, cuja política de reconhecimento ganha centralidade nesse contexto. Os movimentos sociais impõem também para a sociedade moderna a necessidade de reconhecimento, e questiona, a partir do seu não reconhecimento, o conceito de modernidade.

As imigrações, historicamente, são responsáveis pelas transformações socioculturais na cidade, no comércio, na economia e nas políticas públicas destinadas ao seu acolhimento. Os haitianos aqui no Brasil, assim como chineses, bolivianos e coreanos em outras épocas, estão formando bairros haitianos nas cidades onde se fincam, mudando a forma de vida e de relações da população nativa.

Referências

ACNUR. **Alto comissariado das Nações Unidas para refugiados da ONU**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/acnur/>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

AGÊNCIA Notícias Do Acre. **Acre é rota para a entrada de haitianos no Brasil**. Rio Branco, AC, s.d. Disponível em: <http://www.agencia.ac.gov.br/index.php?option=com_content&id=14648&Itemid=26>. Acesso em: 22 de jul. de 2013.

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa, Portugal: Teorema, 2004.

BARROS, W. S.; MARCHINI, W. O processo migratório haitiano no Brasil: panorama numérico, percursos e destinos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE RELIGIÃO E IMIGRAÇÃO, 1., 2015, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: PUC-SP, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/folderview?id=0B8G22TOAEkrHfmdhSDZ6ak95SGJUcmhOZTVobUpsRHRjdXNKTEk5U1lXcGRCLW1mT3dneW8&usp=sharing>>. Acesso em: 23 de ago. 2015.

BENHABIB, S. **Democracy and difference: contesting the boundaries of the political**. Princeton: Princeton University Press, 1996.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 1998.

CÊA. G. S. S.; MOROFUSI, N. T. M. Processo de trabalho em frigoríficos e as possibilidades de constituição de novas sociabilidades na luta coletiva pela saúde do trabalhador. In: SEMINÁRIO DO TRABALHO, 7., 2010, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: RET, 2010. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Georgia_Cea_Neide_Murofuse_PROCESSO_DE_TRABALHO_EM_FRIGORIFICOS_E_AS_POSSIBILIDADES_DE_CONSTITUICAO_DE_NOVAS_SOCIABILIDADES.pdf>. Acesso em: 08 de jun. de 2014.

BRASIL. Ministério da Justiça. **CONARE**. Brasília, DF, s.d. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={7605B707-F8BE-4027-A288-6CCA2D6CC1EC}&BrowserType=IE&LangID=pt-br¶ms=itemID%3D%7B5246DEB0-F8CB-4C1A-8B9B-54B473B697A4%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>>. Acesso: 12 jan. 2014.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Brasília, DF, s.d. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Conselho Nacional de Imigração. **Base estatística**. Brasília, DF, s.d. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

_____. Ministério do Trabalho. Conselho Nacional de Imigração. Brasília: **Resolução Normativa n. 97**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2013.

CAFFEU, A. P.; CUTTI, D. Só viajar! Haitianos em São Paulo: um primeiro e vago olhar. Dossiê Haitianos: primeiros relatos. **Revista Travessia**, São Paulo, SP, n. 70, p. 107-113, jan./jun.2012.

CAMARGO, M. O Haiti está aqui. **Revista Ideias - Política, Economia e Cultura no Paraná**, Curitiba, PR, n. 128, 16 de abr. de 2012. Disponível em: <<http://revistaideias.com.br/ideias/materia/o-haiti-esta-aqui>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

CAMINHOS do Refúgio. **São Paulo cria centro de referência e acolhida para imigrantes**. São Paulo, SP, 2014. Disponível em: <<http://caminhosdorefugio.com.br/sao-paulo-cria-centro-de-referencia-e-acolhida-para-imigrantes/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

CAMPOS, M. Haitianos se unem em Associação. **Gazeta do Povo**, Curitiba, PR, 14 de abr. de 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/columnistas/entrelinhas/haitianos-se-unem-em-associacao9503qbqye49sdf0slklnrp6by>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

CACCIARI, M. **A cidade**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

CONVENÇÃO Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Brasília, DF: ACNUR, 1951. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

CORAZZA, M. População haitiana na região se aproxima de três mil. **Jornal Gazeta do Paraná**, Curitiba, PR, 06 de jan. de 2016. Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/161207/populacao-haitiana-na-regiao-se-aproxima-de-tres-mil>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

_____. 500 haitianos estão desempregados em Cascavel. **Jornal Gazeta do Paraná**, Curitiba, PR, 12 de jun. de 2015. Disponível: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/139725/500-haitianos-estao-desempregados-em-cascavel>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: contribuição pós colonial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, SP, v. 21, n. 60, p. 117-134, 2006.

DIÓGENES, J.; MONTEIRO, T. Rede de coiotes já faturou US\$ 60 mi com haitianos, diz relatório. **Estadão**, São Paulo, SP, 23 maio 2015. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,rede-de-coiotes-ja-faturou-us-60-mi-com-haitianos-diz-relatorio,1692709>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

FANTÁSTICO. **Imigrante diz que muitos brasileiros consideram haitianos como escravos**. 19 jul. 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/1Vj9MK7>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

FERNANDES, D.; CASTRO, M. C. G. **Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral**. Brasília, DF: IMDH, 2014. Disponível em:

<<http://www.migrante.org.br/index.php/2014-01-14-00-36-49/quem-somos>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

GABEIRA, F. A parte brasileira da diáspora haitiana. **Estadão Internacional**, São Paulo, SP, 16 abr. 2011. Disponível em:<<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-parte-brasileira-da-diaspora-haitiana,707226>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

GODOY, G. G. O caso dos haitianos no Brasil e a via da proteção humanitária Complementar . In: RAMOS, A. C.; RODRIGUES, G.; ALMEIDA, G. A. (Org.). **60 Anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo, SP: CL-A Cultural, v. 1, 2011. p. 45-68. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2011/60_anos_de_ACNUR_-_Perspectivas_de_futuro.pdf?view=1>. Acesso em: 02 dez. 2013

HAAB, L. Haitianos dizem ser vítimas de racismo no Oeste do Paraná. **G1 Paraná**, Cascavel, PR, 28 fev. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/02/haitianos-dizem-ser-vitimas-de-racismo-no-oeste-do-parana.html>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

HONNETH, A.; FRAZER, N. **Redistribution or recognition?: a political- philosophical exchange**. London: Verso, 2003.

JOHN, F. Após suspeita de Ebola, haitianos enfrentam preconceito em Cascavel. **G1 Paraná**, Cascavel, PR, 14 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/10/apos-suspeita-de-ebola-haitianos-enfrentam-preconceito-em-cascavel.html>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

JORNAL NACIONAL. **Mais de 7 mil haitianos entraram no Brasil, pelo Acre, só em 2015**. 22 maio 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/05/mais-de-sete-mil-haitianos-entraram-no-brasil-pelo-acre-so-em-2015.html>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

LAÍNY, L. Encontro reunirá haitianos de Cascavel. **CGN/Notícias UOL**, São Paulo, SP, 12 abr. 2014. Disponível em <<http://cgn.uol.com.br/noticia/87714/encontro-reunira-haitianos-de-cascavel>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

LUDWIG, L. Número de haitianos é o dobro do registrado na PF. **Jornal Hoje**, Cascavel, PR, 13 maio 2013. Disponível em: <<http://www.jhoje.com.br/Paginas/20130513/edicaocompleta.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

MELUCCI, A. **Challenging codes**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MOUFFE, C. **O regresso do político**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1996.

PLATONOW, W. Com ideal de recomeço, haitianos querem ficar no Brasil. **EBC Agência Brasil**, Chapecó, RS, 12 jan. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/internacional/noticia/2015-01/haitianos-que-moram-no-brasil-nao-pensam-em-retornar-ao-seu-pais>>. Acesso em: 14 mar. 2015.

PRAZERES, L. Série de reportagens mostra a busca dos haitianos por uma nova vida no Brasil. **Acrítica. Com notícias**, Manaus, AM, 22 jan. 2012. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/Manaus-Amazonas-Amazonia-Serie-reportagens-mostra-haitianos-Brasil_0_631736872.html>. Acesso em: 22 jul. 2013.

PUFF, J. Imigrantes haitianos entram no Brasil após três meses de espera. **BBC Brasil**, São Paulo, SP, 10 abr. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120410_haitianos_entrada_brasil_jp.shtml>. Acesso em: 22 jul. 2013.

ROSSI, M. Pato Branco tem a maior comunidade de haitianos do Paraná. **Diário do Sudoeste**, Pato Branco, 18 set. 2012. Disponível em: <<http://www.diarioagora.com.br/noticias/pato-branco/10,3400,18,09,pato-branco-tem-a-maior-comunidade-de-haitianos-do-parana-shtml>>. Acesso em: 23 jul.2013.

SASSEN, S. **Inmigrantes y ciudadanos**: de las migraciones massivas a la Europa fortaleza. Madrid: Siglo XXI Espanha, 2014.

_____. **Inmigrantes y ciudadanos**: de las migraciones masivas a la Europa fortaleza. Madrid: Siglo XXI, 2013.

_____. **Sociologia da globalização**. Tradução de: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2010.

_____. **Los espectros de la globalización**. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2007.

TAYLOR, C. **Multiculturalism**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

WALTER, B. M. Paraná acolhe grupo de refugiados do Haiti. **Gazeta do Povo**, Londrina, PR, 10 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1222062&tit=Parana-acolhe-grupo-de-refugiados-do-Haiti>>. Acesso em: 22 jul. 2013.